

MICHAEL DOBBS

# Seis meses em 1945

*Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman —  
Da Segunda Guerra à Guerra Fria*

*Tradução*  
Jairo Arco e Flexa



Copyright © 2012 by Michael Dobbs

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Tradução publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf, um selo editorial de The Knopf Doubleday Group, uma divisão de Random House Inc.

*Título original*

Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill, and Truman — From World War to Cold War

*Capa*

Jason Booher

*Fotos de capa*

Acima: à direita, Margaret Bourke-White/ Getty Images; à esquerda, TOP FOTO/ AGB PHOTO. Abaixo: à direita, Granger, NYC; à esquerda, Oscar White/ Corbis/ Latinstock.

*Mapas*

Gene Thorp

*Revisão técnica*

Ronald Fuchs

*Preparação*

Alexandre Boide

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Huendel Viana

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dobbs, Michael

Seis meses em 1945 : Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman : da Segunda Guerra à Guerra Fria / Michael Dobbs ; tradução Jairo Arco e Flexa. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Titulo original : Six months in 1945 : FDR, Stalin, Churchill, and Truman : From World War to Cold War.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2603-3

1. Churchill, Winston, 1874-1965
2. Estados Unidos — Relações estrangeiras — União Soviética
3. Guerra Fria — História diplomática
4. Guerra Mundial, 1939-1945 — História diplomática
5. Guerra Mundial, 1939-1945 — Paz
6. Política mundial
7. Roosevelt, Franklin D. (Franklin Delano), 1882-1945
8. Stálin, Joseph, 1879-1953
9. Truman, Harry S., 1884-1972
10. União Soviética — Relações estrangeiras — Estados Unidos i. Título.

---

15-04029

CDD-940.5322

Indice para catálogo sistemático:

1. Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman :

Guerra Mundial : História

940.5322

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

<i>Lista de mapas.....</i>	11
<i>Cronologia.....</i>	13
<i>Notas sobre nomes .....</i>	15
 PARTE I: O MELHOR QUE PUDE FAZER	
1. Roosevelt — <i>3 de fevereiro .....</i>	21
2. Stálin — <i>4 de fevereiro.....</i>	43
3. Churchill — <i>5 de fevereiro .....</i>	65
4. Polônia — <i>6 de fevereiro .....</i>	83
5. O Grande Projeto — <i>10 de fevereiro .....</i>	107
6. Euforia — <i>13 de fevereiro.....</i>	126
 PARTE II: UMA CORTINA DE FERRO DESCEU	
7. Camarada Vyshinsky — <i>27 de fevereiro.....</i>	145
8. “Um véu impenetrável” — <i>7 de março .....</i>	163
9. A morte de um presidente — <i>12 de abril.....</i>	182
10. O neófito e o comissário — <i>23 de abril .....</i>	204
11. O encontro — <i>25 de abril .....</i>	227
12. Vitória — <i>8 de maio .....</i>	249

13. “A salvação do mundo” — 26 de maio.....	270
14. O pôquer atômico — 1º de junho.....	289
15. O império vermelho — 24 de junho.....	306
PARTE III: UMA PAZ QUE NÃO É PAZ	
16. Berlim — 4 de julho .....	331
17. Terminal — 16 de julho.....	350
18. Pilhagem — 23 de julho.....	373
19. “FINIS” — 26 de julho.....	392
20. Hiroshima — 6 de agosto.....	409
21. Depois da bomba.....	430
<i>Agradecimentos</i> .....	439
<i>Notas</i> .....	443
<i>Créditos das imagens</i> .....	470
<i>Referências bibliográficas</i> .....	471
<i>Índice remissivo</i> .....	479

# Cronologia

- 4 de fevereiro* Início da Conferência de Yalta (vai até 11 de fevereiro).
- 13 a 15 de fevereiro* Bombardeio de Dresden.
- 27 de fevereiro* Vyshinsky organiza golpe comunista na Romênia.
- 7 de março* Exército americano cruza o Reno em Remagen.
- 12 de abril* Roosevelt morre, sendo sucedido por Truman.
- 23 de abril* Truman adverte Molotov para que cumpra promessas sobre a Polônia.
- 25 de abril* Conferência de fundação das Nações Unidas; americanos e russos encontram-se no Elba.
- 30 de abril* Suicídio de Hitler.
- 2 de maio* Berlim cai diante do Exército Vermelho.
- 8 de maio* Rendição da Alemanha.
- 26 de maio* Emissários de Truman reúnem-se com Churchill e Stálin.
- 1º de junho* Truman decide usar a bomba atômica contra o Japão.
- 18 de junho* Líderes da oposição polonesa vão a julgamento em Moscou.
- 24 de junho* Parada da vitória em Moscou.
- 4 de julho* Tropas americanas ocupam Berlim Ocidental.

- 16 de julho* Abertura da Conferência de Potsdam (vai até 2 de agosto); primeiro teste atômico.
- 26 de julho* Renúncia de Churchill.
- 6 de agosto* Lançamento da bomba atômica em Hiroshima.

**PARTE I**

O melhor que pude fazer

*Franklin D. Roosevelt*

FEVEREIRO DE 1945

# 1. Roosevelt — 3 de fevereiro

O grande avião quadrimotor com a resplandecente estrela branca estava na pista de decolagem no pequeno aeroporto de Malta, pronto para levar Franklin Delano Roosevelt numa derradeira missão. O novo Douglas C-54 Skymaster tinha sido equipado com as mais modernas comodidades, inclusive um elevador que poderia alçar o presidente e sua cadeira de rodas do solo para levá-lo a bordo. FDR expressou seu desagrado aos agentes do Serviço Secreto que o conduziram até o pequeno compartimento do elevador. “Nunca autorizei isso”, resmungou. “Não havia a menor necessidade.”<sup>1</sup> Constrangidos, os agentes explicaram que o dispositivo era exigido por motivos de segurança. A alternativa seria uma rampa de grande extensão, um sinal para espiões inimigos de que o presidente dos Estados Unidos, vítima de poliomielite, estava para embarcar ou desembarcar. Roosevelt, que não gostava de despesas e estardalhaço, não ficou convencido.

O horário de partida havia sido planejado com precisão coreográfica. Trinta aviões militares estavam alinhados próximos à pequena torre de controle, aguardando permissão para decolar. Em intervalos de dez minutos, o avião da frente dirigia-se para o início da pista na penumbra, persianas abaixadas e todas as luzes externas apagadas. Assim que cada avião saía rugindo pelo céu do Mediterrâneo, o avião seguinte colocava-se em posição, logo atrás. Os rugidos

dos Skymasters e dos Yorks esquentando os motores para a decolagem e os zumbidos agudos dos caças circulando em volta do aeroporto preenchiam a noite.

Poucas pessoas sabiam da existência de um avião presidencial. Com o codinome Projeto 51, sua construção foi cercada de tanto segredo que os poucos que estavam informados referiam-se ao avião como *Vaca Sagrada*. Dois anos antes, Roosevelt havia sido o primeiro presidente dos Estados Unidos a viajar de avião, em fevereiro de 1943, quando embarcou num hidroavião da Pan American num voo até Casablanca, para uma conferência com Winston Churchill. Mas viagens em voos comerciais eram obviamente impraticáveis para um presidente em tempos de guerra — sobretudo no caso de um presidente paralisado da cintura para baixo. A Casa Branca voadora estava pronta para sua viagem inaugural.

Roosevelt subiu a bordo do *Vaca Sagrada* às 23h15 de 2 de fevereiro de 1945.<sup>2</sup> A decolagem do avião estava programada apenas para as 3h30 da madrugada, mas os médicos do presidente decidiram que seria melhor embarcar mais cedo, para que ele pudesse ter uma boa noite de sono. Ele foi conduzido direto a seus aposentos oficiais, logo atrás da asa. Seu criado negro, Arthur Prettyman, ajudou-o a se trocar e assegurou-se de que estava confortavelmente deitado em seu sofá de veludo de três lugares adornado com o selo presidencial. Entre outros itens de conforto, havia uma cadeira giratória, um banheiro privativo e uma janela panorâmica com vidros à prova de balas com o dobro da espessura habitual, coberta por cortinas azuis. Um console ao lado da janela permitia que ele se comunicasse com a cabine do piloto e outras partes do avião. Na parede oposta havia um conjunto de mapas enrolados em cilindros que podiam ser abertos para exames durante o voo. Uma pintura de um barco a vela do século XIX sobre as ondas ocupava a parede acima do sofá, numa evocação do amor de Roosevelt pelo mar.

O presidente sofria de um cansaço crônico. Em sua viagem de doze dias atravessando o Atlântico num navio da Marinha dos Estados Unidos, passou o tempo em incessantes rodadas de carteado, jogos de convés e filmes à noite. Com frequência, dormia doze horas por noite — por mais que descansasse, porém, o descanso nunca parecia suficiente. Grande parte da energia que lhe restava havia sido gasta em sua última campanha eleitoral, viajando em limusines abertas e enfrentando um aguaceiro torrencial em Nova York, numa tentativa extrema de mostrar que ainda estava em condições de exercer um quarto

mandato. As constantes aparições ao longo da campanha tinham o objetivo de mostrar aos eleitores o FDR do imaginário popular — forte, indomável, otimista —, escondendo, no entanto, seu estado de saúde em progressiva deterioração. Ele havia perdido cerca de dezoito quilos nos últimos meses, estava esquelético. Sua pressão arterial tinha saído de controle, subindo algumas vezes até 26 por 15. O homem que ele escolhera como vice-presidente, Harry S. Truman, ficou alarmado quando os dois se encontraram para uma simbólica sessão de fotos na Casa Branca. “Não imaginava que ele estivesse tão mal assim”, Truman confidenciou a um assessor. “Quando colocou creme em seu chá, ele deixou cair mais creme no pires do que na xícara. Parece que não há nenhum problema mental, mas fisicamente ele está em frangalhos.”<sup>33</sup>

Howard Bruenn, o cardiologista de Roosevelt, entrou em silêncio na cabine pouco antes da decolagem. O presidente já estava cochilando. O jovem capitão de corveta da Marinha queria certificar-se de que seu paciente não ia rolar para fora do sofá enquanto o *Vaca Sagrada* ganhava aceleração ao longo da pista. Como sabia que Roosevelt não tinha força suficiente para evitar que seu corpo caísse no chão como um peso morto, Bruenn instalou-se na cadeira giratória, de costas para o sofá. Ia dormir sentado, atento aos ruídos atrás de si.

Bruenn estava preocupado com FDR. Quando examinou o presidente pela primeira vez, no Hospital Naval de Bethesda, em março de 1944, percebeu imediatamente que ele estava “muito mal” e não lhe deu mais que um ano de vida.<sup>4</sup> Ele tinha dificuldade para respirar e sofria de bronquite. Seu coração estava bastante dilatado, já sem condições de fazer um bombeamento eficiente do sangue. O cardiologista receitou uma dieta de digitális para controlar os batimentos cardíacos, um regime alimentar de fácil digestão e uma redução drástica no número de visitantes oficiais e de compromissos. O médico principal de Roosevelt, o vice-almirante Ross McIntire, tinha resistido às recomendações de Bruenn, pois não queria interferir na rotina do presidente, mas acabou concordando que ele moderasse suas atividades. McIntire insistiu que ninguém fora de um pequeno círculo de médicos de confiança da Casa Branca ficasse sabendo do estado de saúde do chefe. Nem o próprio Roosevelt estava inteiramente a par de sua situação. Avesso a notícias desagradáveis, ele mostrava pouco interesse em descobrir a verdade.

O rugido dos motores e a vibração da fuselagem quando o *Vaca Sagrada* deixou o solo despertaram o presidente de um sono intransquilo. Seu nariz e sua

garganta estavam congestionados. Bruenn monitorava os ruídos de FDR, que se agitava no sofá às suas costas. Em suas anotações, o cardiologista escreveu que Roosevelt “não tinha um sono satisfatório” no avião, por causa do “barulho e vibração”, e com frequência era acordado por “uma tosse convulsiva que era moderadamente produtiva”.<sup>5</sup> Fora isso, “o paciente” estava se saindo melhor do que o esperado. Tinha “aproveitado bem” suas duas semanas fora dos Estados Unidos — “de trem, navio, avião e carro” — e “teve um belo descanso” durante a travessia do Atlântico, “dormindo até tarde de manhã, descansando à tarde e indo dormir relativamente cedo à noite, apesar do mar agitado”.

Depois da decolagem em Malta, no centro do Mediterrâneo, o *Vaca Sagrada* dirigia-se para o leste a uma velocidade de 320 quilômetros por hora. Os médicos insistiam para que o avião, não pressurizado, permanecesse numa altitude de 1,8 mil metros, para atenuar os problemas de respiração do presidente. A aeronave dançava para dentro e para fora das nuvens. Uma hora após a partida, enfrentou mau tempo. O chefe da equipe do Serviço Secreto escutou um ruído nos aposentos do presidente e foi investigar, mas eram apenas as batidas de uma porta mal fechada. Os pilotos mudaram o rumo do voo para nordeste, para evitar Creta, que ainda tinha partes de seu território em poder dos alemães.

O dia amanheceu quando o *Vaca Sagrada* sobrevoava Atenas, claramente visível pelo lado esquerdo do avião. Seis caças P-38 surgiram das nuvens para escoltar o avião presidencial sobre o mar Egeu até as planícies cobertas de neve do norte da Grécia e da Turquia, e por fim ao mar Negro. Anna, a filha do presidente, já estava acordada para ver o “belo nascer do sol” e o “contorno das pequenas aldeias” nas ilhas de paisagem árida da Grécia.<sup>6</sup> Todos a bordo tinham sido instruídos a adiantar seus relógios em duas horas durante a noite. Uma hora antes da aterrissagem, serviu-se ao presidente seu desjejum habitual de ovos com presunto.

Os aviões aliados haviam sido instruídos a efetuar uma curva de noventa graus quando entrassem em espaço aéreo soviético, para identificar seus propósitos pacíficos, evitando assim que fossem alvejados pelas defesas antiaéreas. O *Vaca Sagrada* seguiu as instruções, fazendo a manobra ao longo da linha férrea que ia da cidade de Eupatoria, do lado oeste da península da Crimeia, até o aeroporto de Saki. A paisagem era plana e desinteressante, uma extensão de neve que parecia não ter fim. O avião presidencial, a essa altura acompanhado por cinco caças (um deles tinha retornado devido a um problema nos motores),

rodeou a pista uma vez e aterrissou na hora prevista, 12h10 pelo horário de Moscou, “sofrendo com solavancos por toda a curta pista de concreto”.<sup>7</sup>

Durante doze anos como presidente, Franklin Roosevelt ajudara a tirar os Estados Unidos das profundezas da Grande Depressão, fora capaz de convencer uma nação relutante a apoiar a Grã-Bretanha em seu momento de necessidade e reunira a mais poderosa coalizão militar da história para resistir aos ataques da Alemanha nazista e do Japão imperial. A vitória em ambas as guerras já estava à vista. As tropas aliadas tinham chegado às fronteiras da Alemanha e estavam retomando dos japoneses suas conquistas na Ásia. O comandante em chefe, às portas da morte, decidira fazer uma viagem perigosa e potencialmente suicida através do oceano apenas dois dias depois de ter iniciado seu quarto mandato graças à sua obsessão por atingir dois objetivos finais. Ele queria certificar-se de que a vitória seria conseguida com o menor custo possível em vidas americanas. E prometera aos americanos, cansados de mais de três anos de guerra, “uma paz duradoura”.

Antes da chegada de FDR à Crimeia, no sábado, 3 de fevereiro de 1945, nenhum presidente americano havia pisado em solo russo, muito menos na União Soviética. E, por quase três décadas, nenhum outro faria isso novamente.

As atitudes dos Estados Unidos em relação à Rússia tinham variado bastante desde a Revolução Bolchevique de 1917. Durante a guerra civil na Rússia, tropas americanas haviam intervindo do lado dos mencheviques, enfrentando os combatentes vermelhos nas neves do norte da Rússia antes de serem obrigados a recuar de Arkhangelsk de maneira desordenada, com mais de 2 mil baixas. Os americanos ficaram chocados com o acordo entre Stálin e Hitler em 1939, com a divisão da Polônia e as invasões soviéticas da Finlândia e dos países bálticos. Mas o pêndulo logo oscilou para o lado oposto quando os exércitos alemães invadiram a União Soviética, em 22 de junho de 1941, chegando às portas de Leningrado e Moscou em questão de meses. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, depois do ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro, a Rússia comunista tornou-se seu aliado mais importante. Os filmes de Hollywood começaram a retratar a União Soviética como uma terra de soldados valentes, trabalhadores felizes e comissários sorridentes, uma guinada de 180 graus em relação aos grotescos trapalhões apresentados em *Ninotchka*, comédia

de enorme sucesso de 1939. A imagem de uma nação poderosa e confiável, sob um líder forte porém benevolente, crescia a cada nova vitória do Exército Vermelho, com o apoio ativo do governo Roosevelt.

Ouviam-se algumas vozes discordantes, especialmente entre o punhado de diplomatas americanos que tinham uma experiência direta com a vida na Rússia. O embaixador americano em Moscou, Averell Harriman, queixava-se de que o urso russo estava se transformando no “vilão do mundo”.<sup>8</sup> Ele receava que Stálin recorresse a “métodos de força” com o objetivo de estabelecer uma “esfera de influência” no Leste Europeu sob seu controle exclusivo. O assessor mais próximo de Harriman, George Kennan, concordava que a divisão da Europa era inevitável. A América e a Rússia tinham pouco em comum além do inimigo. Em carta a seu amigo Charles E. Bohlen na véspera da Conferência de Yalta, Kennan exortou o governo dos Estados Unidos a agir de forma mais adequada às realidades geopolíticas: “Por que não fazemos um acordo razoável e definitivo com [Moscou] — dividindo claramente a Europa em duas esferas de influência —, ficando afastados da esfera dos russos e eles afastados da nossa?”.<sup>9</sup>

Dividir a Europa com a Rússia não era de modo algum o que FDR tinha em mente quando arriscou a vida para encontrar-se com Ióssif Stálin e Winston Churchill na Crimeia, nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial. Como a maioria dos americanos, ele sentia repulsa por qualquer coisa que cheirasse a “impérios”, “equilíbrio de forças” e “esferas de influência”. Dentro do grande esquema rooseveltiano, uma nova organização mundial deveria assumir como responsabilidade fundamental a garantia da “paz duradoura” sob a supervisão benevolente dos aliados vitoriosos. O presidente queria que os soldados americanos voltassem da Europa e da Ásia o mais depressa possível.

Stálin não estava no aeroporto de Saki para receber Roosevelt. Em seu lugar, enviou o ministro das Relações Exteriores, Viatcheslav Molotov, que, com um pesado sobretudo e um chapéu de pele, caminhava para cima e para baixo pela pista, cercado por oficiais aliados. Pela janela da cabine presidencial, FDR e Anna podiam ver um grande número de mulheres russas varrendo a neve com vassouras feitas com galhos de bétula. Eles ficaram aguardando no interior do avião aquecido, até que o Skymaster C-54 de Churchill, um presente dos Esta-

dos Unidos, aterrissou vinte minutos depois, acompanhado, por sua vez, por uma escolta de seis caças P-38.

Originalmente, Roosevelt e Churchill pensaram em levar apenas delegações modestas a Yalta, de trinta a 35 assessores. Mas o tamanho das delegações foi crescendo à medida que mais e mais membros dos respectivos governos consideravam-se “essenciais” tanto para o presidente como para o primeiro-ministro, até que as comitivas chegaram a cerca de setecentos integrantes, nesse número estando incluído o pessoal de apoio. Os russos haviam erguido grandes barracas de campanha, aquecidas com fogões a lenha, para hospedar a multidão de marechais, ministros, generais, embaixadores e assessores de todos os tipos. Em seu primeiro desjejum na Rússia, os recém-chegados foram servidos numa mesa preparada com enormes porções de caviar, frios temperados com muito alho, salmão defumado, ovos, bolo de coalhada com molho de creme azedo, champanhe suave, vinho branco da Geórgia, vodca e conhaque da Crimeia, tudo regado por bules de chá fumegante.

Aos poucos, todos foram se ajeitando para a cerimônia de chegada. Depois de terem baixado o presidente ao solo em seu elevador, os agentes do Serviço Secreto colocaram-no num jipe aberto e forrado com tapetes, fornecido no contexto do programa de ajuda militar dos Estados Unidos. Uma banda do Exército Vermelho tocou “The Star-Spangled Banner”, “God Save the King” e o novo hino nacional soviético (“O grande Lênin iluminou nosso caminho/ Stálin nos educou para servirmos ao povo”). Sentado no jipe com sua capa em um tom escuro de azul-marinho, Roosevelt assistiu a um desfile da guarda de honra efetuado em passo de ganso, tendo a seu lado Churchill e Molotov, que estavam de pé. FDR pareceu “fraco e doente” para o primeiro-ministro. “Ele era uma figura trágica.”<sup>10</sup> Seu rosto tinha a cor de um pergaminho, parecia de cera, totalmente sem energia. Seu braço direito descansava na lateral do jipe, a mão mole, pendente. O médico de Churchill, Charles Moran, descreveu a cena:

O primeiro-ministro caminhava ao lado do presidente como um criado hindu acompanhava a carruagem da rainha Vitória na sua velhice. À sua frente havia uma multidão de fotógrafos, recuando à medida que tiravam suas fotos. O presidente parecia velho, magro e esgotado; tinha uma capa ou xale sobre os ombros e dava a impressão de ter encolhido; estava sentado, olhando bem para a frente, com

a boca aberta, como se estivesse desligado. Todos ficaram chocados com seu aspecto e falaram muito disso depois.<sup>11</sup>

Anna Roosevelt sentia-se “um pouco preocupada” com o pai, sabendo que ele estava “cansado após o dia duro da véspera e a noite de pouco sono durante o voo”.<sup>12</sup> Ela decidiu que seria a única pessoa a acompanhá-lo na viagem a Yalta, para que “ele pudesse dormir quanto quisesse e não precisasse ficar conversando”. Se eles quisessem chegar a Yalta ao cair da noite, tinham que partir imediatamente. Recusando os comes e bebes oferecidos, eles entraram numa das limusines Packard de Stálin, acompanhados apenas por um guarda-costas americano e um motorista russo, e iniciaram a viagem por “uma estepe desolada”.<sup>13</sup> Automóveis repletos de agentes do Serviço Secreto e “russos armados” iam na frente, seguidos pelo restante das delegações americana e britânica, num longo comboio.

Durante a travessia do Atlântico, FDR fora bombardeado por mensagens alarmistas sobre a situação na Crimeia. Seu assessor, Harry Hopkins, informou que Churchill estava prevendo muitos aborrecimentos. “Ele disse que, mesmo que pesquisássemos durante dez anos, não teríamos encontrado um lugar pior do que Yalta, mas acredita que é capaz de sobreviver levando um suprimento adequado de uísque. Ele assegura que a bebida é boa para combater o tifo e é fatal para os piolhos que infestam aquela região.”<sup>14</sup> Dois dias depois, chegou um telegrama do primeiro-ministro descrevendo as estradas entre Saki e Yalta como intransitáveis, devido às nevascas. Emissários britânicos e americanos enviados antecipadamente a Yalta teriam “passado por uma experiência apavorante” ao enfrentar um “caminho montanhoso” rumo ao local da conferência.

A estrada foi fechada a qualquer outro tipo de tráfego, policiada por milhares de soldados do Ministério do Interior, postados a intervalos de 180 metros ao longo de todo o percurso de 130 quilômetros. Muitos dos soldados eram mulheres vestidas, como os homens, com casacos longos e pesados, com cinturões de couro, submetralhadoras penduradas nas costas e insígnias nos ombros semelhantes “àquelas usadas por um almirante americano”.<sup>15</sup> As mulheres russas eram “enormes, duronas e com as pernas mais compridas que já vi”, admirou-se uma das assessoras de Churchill numa carta que enviou para casa. “Imediatamente ficou claro por que os hunos não as pouparam.”<sup>16</sup> Os soldados

apresentavam armas quando o presidente passava, fitando-o direto nos olhos e repetindo o procedimento com todos os automóveis que se seguiram.

A estrada estava repleta de escombros deixados pelos trinta meses de ocupação alemã da Crimeia: edifícios destruídos, tanques queimados, trens de carga tombados, aldeias abandonadas e soldados feridos, principalmente nas cidades. Roosevelt tinha lido relatórios sobre o bombardeio aéreo de Coventry e Rotterdam e o modo como Varsóvia e Lidice foram arrasadas, mas essa era a primeira vez que via a destruição nazista de perto. A visão deixou-o profundamente impressionado. Ele disse a Anna que aquelas imagens horríveis ao longo da estrada motivaram-no mais do que nunca a “acertar as contas” com os alemães.<sup>17</sup>

Alguns carros atrás de Roosevelt, Churchill queixava-se em voz alta da “viagem interminável e muito enfadonha”. Ele queria saber “há quanto tempo estamos viajando?”.

“Uma hora, mais ou menos”, respondeu sua filha Sarah.

“Meu Deus! Mais cinco horas disso!”<sup>18</sup>

Um dia depois, Sarah descreveu o estado de espírito do pai numa carta à sua mãe. “Seguindo, seguindo por uma terra gelada, habitada por uns poucos camponeses carrancudos... Seguindo, seguindo, suportando tudo aquilo com coragem, paciência e uma garrafa de um excelente conhaque!” Para se divertir, Churchill recitava trechos do poema épico *Don Juan* para seus acompanhantes.

Depois de passarem por Simferopol, “outra cidade úmida e escura com ruas largas e retilíneas”, o comboio aliado começou a subir as montanhas.<sup>19</sup> A paisagem tornou-se mais interessante, mas ainda muito árida. Olhando pela janela entre uma e outra soneca, Roosevelt observou alguns carvalhos raquíticos, “mas quase nenhuma sempre-viva”. Os pensamentos do presidente voltaram-se para as 300 mil árvores que plantara em Hyde Park, sua residência no luxuriente vale do rio Hudson, região norte do estado de Nova York. Ele fez uma anotação mental para lembrar-se de dizer a Stálin que “essa parte do país precisa de reflorestamento”.<sup>20</sup>

Já passava das três da tarde, e pai e filha estavam ficando com fome. Eles pararam à beira da estrada para comer alguns sanduíches preparados na véspera no *Quincy*, o navio de guerra que, atravessando o Atlântico, os levara até Malta. O embaixador Harriman aproximou-se em seu carro para informar que Molotov convidara toda a comitiva para almoçar numa pousada 45 minutos depois, perto da cidade litorânea de Alushta. As mesas já estavam

“cheias de comida e vinho”; os russos tinham até montado uma rampa especial, forrada com tapetes ornamentados, para a cadeira de rodas do presidente. A perspectiva de passar duas horas comendo e bebendo era demais para FDR, que queria chegar logo a Yalta, antes de escurecer. Churchill (“aquela figura rara”, segundo Anna) instalou-se diante do banquete com seu apetite rabelaisiano habitual. Depois de Alushta, a estrada afastou-se do litoral, seguindo pelo “caminho de Romanov”, construído pelo último tsar para servir de ligação entre seu palácio de verão em Yalta e sua propriedade de caça e concluído no ano anterior àquele em que a Grande Guerra selaria seu destino. Ali, o panorama tornou-se impressionante, até mesmo romântico: montanhas que se erguiam a 1,5 mil metros de altura, vistas arrebatadoras de penhascos e riachos, bosques densos de faias, florestas de pinheiros, inúmeras curvas fechadas na encosta. Foi bom que a estrada estivesse aberta apenas para veículos oficiais: era a tal “pista montanhosa” estreita sobre a qual os emissários tinham advertido. O assessor naval do presidente, vice-almirante Wilson Brown, comentou que

as curvas eram fechadas e curtas, sem muros de proteção, continuamente [ao longo da] beira de um abismo. Com as frequentes mudanças na direção, os passageiros eram jogados de um lado para o outro; e a um precipício de que se escapava logo se seguia outro do qual o motorista só conseguia desviar-se por um fio; os solavancos e as freadas numa estrada sem pavimentação eram constantes.<sup>21</sup>

E então, de repente, mais uma montanha ultrapassada, e a comitiva presidencial chegou a “outro país”, um território de ciprestes e vinhedos e casas com telhados vermelhos sobre um fundo em que se via o mar de um escuro azul.<sup>22</sup> O clima era agradável, quase como o do Mediterrâneo, exalando a doce fragrância das oliveiras e dos bosques com laranjeiras. As montanhas protegiam esse breve trecho litorâneo dos ásperos ventos provenientes da Rússia. Não havia neve: o inverno dera lugar à primavera. O humor de todos melhorou.

Por volta das seis horas, quando começou a anoitecer, a limusine de FDR entrou numa estrada privativa ladeada de pinheiros, palmeiras e ciprestes. Depois de passarem por roseiras e oleandros, surgiu uma ampla construção em estilo renascentista, erguida numa falésia a sessenta metros acima do nível do mar. Era o Palácio Livadia, o ponto de férias favorito do tsar Nicolau II.